



## Escola Bíblica Dominical

### LIÇÃO 26

#### Jesus, Aquele que dá a vida<sup>1</sup>

#### **Texto-base: Jo 11.1-44**

O relato começa com Lázaro de Betânia doente. Sua casa localiza-se a cerca de três quilômetros (“quinze estádios”) a leste de Jerusalém, no lado oriental do Monte das Oliveiras. João afirma, antecipando a história narrada em Jo 12, que Maria, irmã de Lázaro, é aquela que ungiu os pés de Jesus com seus cabelos. Sua irmã é Marta, como Lc 10.38-42 também indica. Elas mandam uma mensagem informando que “aquele a quem amas está doente”.

Jesus não vai imediatamente. O texto informa que Jesus ficou mais dois dias após receber a notícia da condição de Lázaro, certamente para indicar que Ele agiria no tempo estabelecido pelo Pai, e não pela urgência do pedido de uma pessoa. Quando Jesus chegou a Marta e Maria, Lázaro estava morto havia quatro dias (v. 39), o que talvez indique que Lázaro já havia morrido quando Jesus recebeu o pedido de ajuda (tendo a morte tenha ocorrido logo após o envio dos mensageiros). Nesse cenário, os quatro dias abarcariam a jornada de um dia para alcançar Jesus, dois dias de espera, e depois um dia de jornada de volta<sup>1</sup>. É significativo que Jesus chegue após quatro dias da morte de Lázaro, porque no judaísmo pensava-se não haver chance de ressurreição após quatro dias: os rabis sustentavam que a alma pairava sobre o corpo por três dias, com esperança de voltar ao corpo; no quarto dia não havia mais esperança.

Quando Jesus propõe voltar para a Judeia, os discípulos dizem que Ele não deve ir, porque seria muito perigoso. Ele, então, menciona que o dia tem doze horas e que se deve caminhar enquanto é dia. Jesus informa, assim, que o tempo de Seu ministério está se esgotando, e que deve agir antes que a noite chegue. Enquanto é dia, os discípulos estarão seguros, porque terão luz para ver. Os discípulos entendem

---

<sup>1</sup> Uma outra hipótese seria que Jesus estivesse muito distante (Na Galileia, não na Transjordânia) para ser alcançado em um dia pelos mensageiros. Nesse cenário, Lázaro morre pouco antes de Jesus começar a retornar, por volta do tempo que Jesus menciona a morte dele no versículo 11. A localização distante de Jesus implicaria uma jornada de quatro dias de volta (numa caminhada de cerca de 40Km por dia). A sucessão dos acontecimentos então seria assim: os mensageiros levam quatro dias para alcançar Jesus; ao receber a notícia, Jesus se demora dois dias no mesmo lugar (v. 6), e só depois desses dois dias Lázaro morre, tendo Jesus ciência dessa morte (v. 11) sobrenaturalmente; imediatamente então Jesus voltaria, numa jornada de quatro dias. É importante perceber que em nenhum dos cenários a demora de dois dias de Jesus é responsável pela morte de Lázaro, como popularmente se entende. No cenário alternativo descrito nesta nota, mesmo que Jesus tivesse viajado de volta assim que recebeu a notícia, chegaria lá dois dias depois da morte de Lázaro.

mal Jesus quando Ele fala que iria despertar Lázaro, como se estivesse falando do sono comum – se fosse esse o caso, pensavam, não seria necessário fazer uma longa viagem para acordá-lo. Jesus explica que Lázaro tinha morrido e que Ele deveria ir, sendo esta uma oportunidade para que eles vissem e cressem que Jesus tem poder sobre a vida.

Quando eles chegam, muitos judeus estão consolando a família, como era comum nessas ocasiões. Marta, sempre a ativa, vem encontrar Jesus. Ela diz que se Jesus pudesse ter vindo antes Lázaro não teria morrido. As palavras de Marta não são uma repreensão, como se ela estivesse dizendo que Jesus devia ter estado lá; antes, elas são palavras de dor e de fé: ela está confiante de que se Jesus tivesse estado presente enquanto seu irmão estava doente, ele o teria curado. Jesus responde que Lázaro ressuscitará, e ela entende que isso quer dizer que ele estaria entre os justos na ressurreição do último dia. Mas Jesus tem muito mais que isso para mostrar sobre Lázaro e, especialmente, sobre Si mesmo.

A declaração de Jesus (vv. 25,26) sobre não morrer é enfática, usando uma dupla negativa. Essa declaração transforma o milagre que está para acontecer em um ensino sobre a autoridade de Jesus para dar vida sem fim. A preocupação de Jesus é desviar o foco de Marta de uma crença abstrata, sobre o que acontece no último dia, para uma crença pessoal naquele que é o único que pode provê-la. Assim como ele não só dá o pão do céu (6.27), mas ele mesmo é o pão da vida (6.35), assim também Ele não só ressuscita os mortos no último dia (5.21,25ss.), mas Ele mesmo é a ressurreição e a vida. Não há ressurreição nem vida eterna fora dele. Se a última metade do versículo 25 estipula que o crente, mesmo que morra, chegará à vida na ressurreição; a primeira metade do versículo 26 ensina que o crente, que já desfruta de vida da ressurreição deste lado da morte, em algum sentido, nunca morrerá.

Ao ser indagada se cria nisso, Marta responde com uma tripla confissão. Enquanto Jesus é cumprimentado como Senhor, Ele é confessado primeiro como Cristo, depois como o Filho de Deus e, finalmente, como Aquele que vem ao mundo. Ele é o enviado prometido. Marta está prestes a aprender tudo o que essa confissão acarreta em termos da autoridade e do poder de Jesus. Quando, pois, Jesus pergunta a Marta: Você crê nisso?, ele não está perguntando se ela crê que ele está prestes a ressuscitar seu irmão dos mortos, mas se sua fé pode ir além da calma confiança de que seu irmão será ressuscitado no último dia para chegar a uma confiança pessoal em Jesus como a ressurreição e a vida, a única pessoa que pode conceder vida eterna e prometer a transformação da ressurreição. Ao responder positivamente, a ressurreição de Lázaro torna-se um paradigma, uma parábola encenada do poder que Jesus tem de dar a vida.

A pedido de Jesus, Marta vai buscar Maria, e esta, ao chegar, cumprimenta Jesus como Marta também o fizera, dizendo que se Ele tivesse vindo antes Lázaro não teria morrido. Uma comitiva de judeus veio seguindo Maria, pensando que ela estava indo ao túmulo para lamentar. A cena provoca uma reação em Jesus. “Agitou-se no espírito” (ARA) é uma tradução que suaviza a ideia original do texto, sem qualquer justificação linguística para tanto. No grego,

a palavra invariavelmente sugere ira, ultraje ou indignação emocional. A frase ‘no espírito’ é equivalente a ‘em seu íntimo’: sua reação interna foi ira, ou ultraje, ou indignação. João acrescenta que ele se perturbou, o mesmo verbo forte usado em 12.27 e 13.21. Lexicalmente, é indesculpável reduzir essa virada emocional aos efeitos da solidariedade, do pesar, da dor ou de algo semelhante.

Com o que, portanto, Jesus estava indignado? A sugestão de que a dor das irmãs e dos judeus está quase O forçando a um milagre, despertando Sua ira, é contrariada pelo fato de que Jesus já expressou sua própria determinação em realizar o milagre (v. 11). É igualmente injustificado pensar que Jesus está indignado porque ele julga que a lamentação dos judeus é hipócrita. O texto não apresenta a lamentação deles em uma luz diferente da de Maria. Mesmo se notarmos que a resposta visceral de Jesus ocorre ao ver chorando Maria e os judeus que a acompanhavam, duas interpretações são possíveis. Alguns pensam que Jesus foi movido pela dor deles e, conseqüentemente, ficou indignado com o pecado, doença e morte neste mundo caído que causa tanto estrago e gera tanta tristeza. Outros pensam que a ira é dirigida contra a incredulidade em si. Os homens e mulheres diante dele estavam se lamentando como pagãos, como “os outros que não têm esperança” (I Ts 4.13). Profunda dor em tal luto é bastante natural; dor que degenera em desespero, que extravasa sua perda como se não houvesse ressurreição, é uma negação implícita daquela ressurreição.

Essas duas interpretações não são irreconciliáveis. Como acontece com a maioria de nós, ficar indignado com alguém é inconsistente com o ser amável e o solidarizar-se com aquela pessoa. Com Jesus, contudo, como com seu Pai, a antítese desaparece. Este é o Jesus que podia pronunciar seus terríveis ‘ais’ (Mt 23), mas chora sobre a cidade de Jerusalém (23.37-39). Os próprios cristãos, como “os outros, éramos por natureza merecedores da ira [de Deus]” (Ef 2.3), mesmo que em “amor nos destinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade” (Ef 1.5). Assim também aqui. Aquele que sempre faz o que agrada a seu Pai (8.29) fica indignado quando é confrontado com atitudes que não são governadas pelas verdades que o Pai revelou. Se o pecado, a doença e a morte — todos eles expressam as características devastadoras deste mundo caído — provocam Sua ira, é difícil ver como a incredulidade ficaria de fora. Mas o mundo que está em inimizade com Deus é também o objeto do amor de Deus, assim não é de surpreender que quando lhe foi mostrado o túmulo onde o corpo se encontrava, Jesus chorou. O verbo chorou (*dakryô*) é diferente daquele que descreve o choro de Maria e dos judeus (*klaîô*): ele significa ‘derramar lágrimas’, mas, geralmente, em lamento diante de alguma calamidade. É irracional pensar que as lágrimas de Jesus foram derramadas por Lázaro, já que ele sabia que estava para ressuscitá-lo dos mortos (v. 11). Antes, o mesmo pecado e morte, a mesma incredulidade, que produziram seu ultraje, também geraram sua dor. Aqueles que seguem Jesus como seus discípulos hoje fazem bem em aprender a mesma tensão - que dor e compaixão sem ultraje reduzem-se a mero sentimento, enquanto que ultraje sem dor solidifica-se em arrogância e irascibilidade hipócritas.

Jesus ordena a remoção da pedra que fechava o túmulo na gruta, Marta faz uma objeção prática (o que está inteiramente de acordo com seu caráter) relacionada ao odor. A objeção confirma que ela não entendeu, a partir de sua conversa anterior, que Jesus ressuscitaria seu irmão imediatamente.

Embora Jesus tivesse dito a seus discípulos que a doença de Lázaro era para a glória de Deus (v. 4), ele não tinha (até onde está registrado) se referido à 'glória' em sua conversa com Marta. Sua pergunta retórica: Não lhe falei que, se você cresse, veria a glória de Deus?, deve, portanto, ser entendida como um resumo do que foi prometido nos versículos 23-26 - isto é, levantar para a vida alguém que morreu é um ato revelatório, a manifestação da glória de Deus em Cristo Jesus. A pergunta de Jesus não deve ser entendida como implicação de que, nos versículos 23-26, ele estava de alguma forma prometendo que ele de fato levantaria Lázaro imediatamente, mas que se, como a própria Marta confessou (v. 27), Jesus, o Messias, é a ressurreição e a vida, então mesmo em face dessa morte deve-se confiar nele, pois ele não fará outra coisa que aquilo que manifesta a glória de Deus.

Mesmo antes do último dia, e em antecipação a ele, o grito de Jesus: "Lázaro, venha para fora!", mostrou-se uma instância quando o morto ouviu a voz do Filho de Deus (Jo 5.25,28,29) e pulou para a vida. Embora João não esteja falando disso, frequentemente se afirma que a autoridade de Jesus é tão grande que, se ele não tivesse especificado Lázaro, todos os túmulos teriam devolvido seus mortos para a vida da ressurreição.

Normalmente o cadáver era deitado sobre um lençol de linho, largo o bastante para envolver o corpo completamente e o comprimento chegava a ser mais que duas vezes o do cadáver. O corpo era colocado de tal forma no lençol que os pés ficavam em um extremo, e, depois, o lençol era puxado sobre a cabeça e, de novo, até os pés. Os pés eram atados na altura dos tornozelos, e os braços eram amarrados ao corpo com faixas de linho. A face<sup>15</sup> era atada com outro pano (*soudarion*, uma palavra emprestada do latim *sudarium*, 'suadouro', muitas vezes usado em vida ao redor do pescoço). O corpo de Jesus, aparentemente, foi preparado da mesma forma para o enterro (cf. 19.40; 20.5,7). Uma pessoa assim atada podia pular com os pés juntos, arrastando-se devagar, mas dificilmente poderia andar naturalmente. Portanto, quando Jesus ordenou que Lázaro saísse, e o morto saiu, Jesus imediatamente deu a ordem: Tirem as faixas dele e deixem-no ir.

Os leitores desse evangelho não podem deixar de comparar com a ressurreição de Jesus, após a qual as faixas de linho podem ser vistas junto ao *soudarion* que "estava dobrado à parte", separado delas (20.7). As diferenças estão de acordo com o testemunho geral do Novo Testamento quanto à singularidade da ressurreição de Jesus. Lázaro foi chamado para uma restauração da vida mortal. Não é de admirar que ele, às cegas, procurasse, às apalpadelas, a saída, e precisasse ser liberado das faixas que o prendiam. Jesus se levantou com o que Paulo chamou de 'um corpo espiritual' (1 Co 15), deixando a mortalha para trás, materializando-se em salas fechadas. Embora seu corpo ressurreto tivesse as marcas de seus cinco ferimentos e fosse capaz de comer e de ser tocado, ele foi levantado com o poder da vida eterna, as primícias da ressurreição do fim. Aqueles que ouvirem o brado de Jesus no último dia participarão de sua ressurreição; a ressurreição de Lázaro, ocorrendo antes que a de Jesus, só podia ser uma pálida antecipação do que ainda estava por vir. Ela, de fato, foi um 'sinal', justamente o sinal culminante.

---

<sup>15</sup> Esta lição é baseada nos livros: **O comentário de João**, de D. A. Carson (Shedd Publicações); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).